



IMAGENS DA ÁFRICA DO SUL NO CINEMA: CONTRIBUIÇÕES DA ANÁLISE FÍLMICA NA EDUCAÇÃO ESCOLAR

Delton Aparecido Felipe¹ Teresa Kazuko Teruya²

Resumo: Este trabalho apresenta uma leitura crítica do conteúdo de um filme que trata do preconceito racial. Busca responder a seguinte questão: de que maneira o cinema, ao mostrar os conflitos sociais gerados pelas leis raciais, pode contribuir para formar professores mais preparados e capazes de lidar com o racismo e o preconceito na sala de aula? Neste sentido, foi selecionado o filme: “Sarafina o som da liberdade”, como fonte de pesquisa, com o objetivo de investigar os aspectos culturais, econômicos, sociais e políticos da África, a fim de propor uma metodologia de análise fílmica, com base nos Estudos Culturais. A utilização do filme na escola, nesta perspectiva, pode ampliar a nossa compreensão da lógica da dominação pela segregação racial e contribuir para mobilizar ações de valorização e de reconhecimento da história e cultura africana e afro-descendente.

PALAVRAS-CHAVE: educação, linguagem cinematográfica, Apartheid, Estudos culturais.

INTRODUÇÃO

No século XXI, a educação escolar tornou-se uma função de grande relevância para melhorar a situação social, econômica dos indivíduos, especialmente, o acesso da comunidade negra. No campo educacional, há uma lei que determina o respeito à diversidade cultural da sociedade brasileira. A comunidade escolar não pode mais aceitar que somente algumas culturas sejam contempladas nos currículos. É necessário abolir os privilégios, promover a valorização de cada indivíduo social, oferecer a oportunidade de apropriação de ferramentas básicas do conhecimento que permitem melhor leitura das questões sociais. A democracia só é possível se for viabilizado um projeto de uma sociedade em que todos os seus membros são valorizados e incorporados ao currículo escolar. São conteúdos que propõem abolir a discriminação racial, imprescindível para a superação da hierarquia cultural.

Kellner (2001) afirma que a cultura veiculada pela mídia possibilita uma identificação com as pessoas, pois as imagens em movimento e os sons ajudam a forjar o tecido da vida cotidiana. Este universo midiático domina o tempo de lazer, modela opiniões políticas e comportamentos sociais.

¹ Mestrando em Educação da Universidade Estadual de Maringá – Paraná, e-mail: ddelton@gmail.com

² Docente do Mestrado e Doutorado da Universidade Estadual de Maringá – Paraná, email: tkteruya@gmail.com e orientadora deste trabalho

É indiscutível que a mídia influencia a nossa vida diária. Afinal, vivemos na era midiática. No mundo urbano, estamos cercados de mensagens midiáticas, no lar, nos cinemas, nas ruas, nas vitrines de lojas e em outros ambientes. A leitura crítica da mídia requer uma análise do discurso midiático que é moldado pelo discurso dominante cujo interesse está focado na perpetuação da estrutura social vigente. (TERUYA, 2006). As mensagens midiáticas carregam em si elementos que colaboram para construir e desconstruir opiniões, comportamentos sociais e identidades.

A linguagem cinematográfica, no processo de ensino e de aprendizagem, pode colaborar com uma prática questionadora dos padrões estéticos da sociedade e dos discursos dominantes. Kellner (2001) diz que um dos principais temas debatidos sobre a mídia é a sua capacidade de induzir os indivíduos a se identificarem com as ideologias e as representações sociais dos dominantes, porém tratar da mídia apenas como instrumento de dominação e de alienação do público seria limitar a potencialidade que os recursos midiáticos têm a oferecer para uma nova lógica da construção do conhecimento.

Neste trabalho, propomos refletir sobre a seguinte questão: de que maneira o cinema, ao mostrar os conflitos sociais gerados pelas leis raciais impostas à África do Sul (1911-1991), pode contribuir para formar professores mais preparados e capazes de lidar com o preconceito racial em sala de aula?

MATERIAIS E MÉTODOS

Para realizar essa tarefa, selecionamos como fonte, o filme: *Sarafina - o som da liberdade* produzido nos Estados Unidos em 1993, dirigido por Darrel Roodt com duração de 116 min. Seu enredo enfoca o contexto do sistema apartheid na África do Sul. A escolha deste filme se justifica porque, ao retratar a história da população negra sul-africana no período do apartheid traz imagens e mensagens significativas que sustentam o discurso dos dominantes. Com base nos Estudos Culturais, propomos apresentar uma leitura crítica da linguagem cinematográfica. Nesta perspectiva, os autores como Douglas Kellner (2001), Stuart Hall (1997), John Thompson (1998) e a contribuição de Foucault (2003) são relevantes para compreender a lógica da dominação pela segregação racial. Para realizar a pesquisa a dividimos em três momentos:

- Primeiro: pesquisar a utilização do cinema como fonte e como objeto de construção do conhecimento histórico, com base nos pesquisadores que analisam as produções fílmicas no ensino de história, bem como os seus pressupostos teóricos e metodológicos.
- Segundo: estudar a utilização do cinema no ensino de história tendo com base os estudos culturais.
- Terceiro: analisar o filme “Sarafina – o som liberdade” no contexto histórico da apartheid na África do Sul retratado no filme, a fim de apresentar contribuições teóricas e metodológicas para a prática docente

Pretendemos elucidar como o cinema pode se tornar um instrumento para as atividades docentes, tendo um duplo papel: um de objeto para a construção do conhecimento histórico e outro de agente educativo. Com base no acervo bibliográfico dos estudos culturais, referentes ao tema cinema, história e educação, analisaremos o texto fílmico e a história como reflexo da sociedade em que ela se encontra.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O filme foi produzido em um universo cultural repleto de ideologias formadoras de opinião. O cinema como meio propagador de idéias políticas, econômicas e sociais, pode

ser um veículo eficaz no processo de massificação e consolidação de ideologias que se sustentam em uma lógica da aparência. Turner (1997) argumenta que as idéias e as representações sociais veiculadas no cinema tende a esconder dos homens a maneira como suas relações sociais foram produzidas e a origem das formas sociais de exploração econômica e de dominação política. É justamente esse ocultamento da realidade social que podemos chamar de Ideologia. O poder político e econômico de um grupo social legitima as condições sociais de exploração e de dominação, de tal forma que parecem verdadeiras e justas.

Ao utilizar o filme como fonte de estudo ou como ferramenta pedagógica que visa a construir uma sociedade multirracial com base na diversidade cultural, é preciso trabalhar em uma perspectiva crítica. O registro das ações humanas, representadas na tela, precisa ser decodificado e interpretado, muitas vezes, desconstruídos, porque o filme traz um discurso, uma representação do real que geralmente estão eivados de ideologias.

Leite (2003) recomenda que o uso de filmes na educação escolar seja tratado como um elo para repensar a relação professor-conteúdo-aluno. Não caberá mais ao aluno assimilar o conteúdo do discurso dominante, mas com a mediação do professor, constituir a sua própria visão sobre a sociedade, para que professor e aluno desenvolvam as ferramentas necessárias para desconstrução e reconstrução da linguagem fílmica, a fim de possibilitar a construção democrática do saber sistematizado.

Com intuito desconstruir os discursos dos dominantes, selecionamos o filme *Sarafina - o som da liberdade*, como fonte de pesquisa da história e cultura africana, para propor uma leitura crítica da mídia, como metodologia de ensino na formação de professores. Nas cenas deste filme sobre um povo negro sul africano, subjugado pelos colonizadores holandeses e ingleses, contém imagens que nos permite extrair uma análise sobre o racismo legalizado. A partir desta narrativa, procuramos analisar os discursos que sustentam o preconceito racial em nossa sociedade.

Sarafina é uma adolescente negra que mora em Soweto, um bairro de Johannesburgo, capital da África do Sul, um dos inúmeros guetos reservados à população negra no período em que vigorou o regime do apartheid. Esta adolescente vive uma série de experiências individuais e coletivas nos mais diferentes contextos de seu meio social e escolar; apesar de a escola ocupar um espaço importante na trama, o ambiente de convivência e aprendizagem de Sarafina não se restringe ao espaço escolar. Em seu cotidiano, ela expressa sua admiração pelo líder político Nelson Mandela, que se encontra preso naquele momento retratado no filme.

Sarafina sonha com uma África do Sul livre de toda a segregação racial, onde os homens e mulheres de todas as etnias respeitem as diferenças culturais para que possam conviver juntos, em uma sociedade justa e democrática. Ela defende o respeito entre os diversos grupos sociais independente de sua cor, religião e sexo.

O filme contém cenas de violência praticadas por grupos dominantes, que utilizam o aparato policial para manter o sistema apartheid por meio de um discurso hierarquizador e impor uma ideologia da submissão, para reproduzir a ordem existente. É visível a desvalorização da cultura africana neste período e a imposição da superioridade branca pela força da lei para subjugar a maioria negra.

No filme, Sarafina passa pelos métodos disciplinares impostos pela escola, e também como os métodos disciplinares imposto pela prisão. Na escola, Sarafina não se tornou dócil nem receptiva, mas na prisão, Sarafina, sofre a violência da tortura e quando sai frágil e humilhada da cadeia, ela apresenta um comportamento mais dócil. Se não foi possível disciplinar pelo discurso, o método mais agressivo de tortura na prisão impôs sua condição de submissão ao sistema do apartheid. Entretanto, no filme, Sarafina ainda mantém vivo o seu sonho de ver o seu povo negro sul-africano valorizado como cidadãos, tendo os mesmos direitos e deveres garantidos aos brancos

Os pesquisadores dos Estudos Culturais defendem a equiparação das diversas formas de conhecimento. Nessa linha teórica, não se pode estabelecer uma hierarquia entre as diferentes culturas, porque “todas as culturas são consideradas epistemologicamente e antropológicamente equivalentes, não se pode estabelecer nenhum critério pelo qual uma cultura pode ser julgada superior à outra”. (Silva, 2002, p. 86). Ou seja, nas relações étnico-raciais, a valorização de um determinado aspecto cultural e a desvalorização de outro é uma imposição ideológica.

CONCLUSÃO

O estudo ora apresentado buscou nos Estudos Culturais uma base teórica para analisar o *filme Sarafina o som da liberdade*, a respeito do discurso que justifica o preconceito racial. O apartheid amparado no modelo de lei que dava supremacia ao homem branco sobre o negro, representou um período cruel de marginalização daquele que é diferente na identidade cultural e na cor da pele. Essa desigualdade de poderes e de direitos não possui uma origem natural, como foi pensado por teóricos como Spencer que acreditava na existência de sociedades humanas superiores às outras. Estas teorias partiram de uma construção social decorrente de representações ideológicas, com base em crenças e valores de um grupo dominante que busca manter a ordem social ou o ideal do *ethos* branco. Seu objetivo é sustentar as relações assimétricas e monopolizar as idéias e ações de um determinado grupo, mantendo-o preso e dominado por esses conceitos, falseando a realidade, ocultando as contradições reais, construindo no plano imaginário um discurso aparentemente coerente e a favor da unidade social. Parece haver interesse na transmissão de uma ideologia inferiorizadora, que objetiva dominar, dividir, eliminar, desculturalizar, embranquecer, a fim de perpetuar mitos e estereótipos negativos referentes à população negra.

O sistema apartheid representou um modelo de hierarquização cultural do homem branco europeu sobre o negro sul-africano. Por isso, a discussão sobre a segregação racial pode contribuir para viabilizar um ambiente que favoreça o reconhecimento e a valorização da cultura africana para história da humanidade e inserir maior visibilidade aos seus conteúdos até hoje negados pela cultura dominante. Esse tipo de ação contribui também para promover um conhecimento de si e do outro, em prol da reconstrução das relações raciais desgastadas pela hierarquização étnico-racial perpetuada no decorrer da história.

Referências

- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: o nascimento da prisão**. 27 ed. Petrópolis: Vozes, 2003.
- HALL, Stuart. **A identidade Cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia: estudos culturais: identidade e política. entre o moderno e o pós-moderno**: Bauru, SP: EDUSC, 2001.
- LEITE, Sidney Ferreira. **O cinema manipula a realidade?** São Paulo: Paulus, 2003
- SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.
- TERUYA, T. K. **Trabalho e educação na era midiática**. Maringá, PR: Eduem, 2006.
- THOMPSON, John. **A mídia e a modernidade**. Petrópolis: Vozes, 2001
- TURNER, Graeme. **Cinema como Prática Social**. São Paulo: Summus, 1997

Fonte imagética: Sarafina: o som da liberdade. Diretor Darell Roodt. Distribuído por Warner Bros e Time Warner Entertainment Company, E.U.A, 1993.

